



## OS BEBÊS E A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA: REFLEXÕES DE PEDAGOGAS EM FORMAÇÃO A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Manuela Aparecida Andrade da Silva <sup>1</sup>

Fernanda Ferreira Vogel <sup>2</sup>

Kelly Werle <sup>3</sup>

### RESUMO

O presente trabalho apresenta um relato de experiência de duas acadêmicas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), desenvolvido durante o Estágio Supervisionado III: Educação Infantil, junto a uma turma de Berçário na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA). O relato tem como objetivo discutir as práticas pedagógicas desenvolvidas com bebês de cinco meses a um ano de idade. Apresenta bases teóricas para compreender a especificidade do trabalho *para* e *com* os bebês, a partir de Paulo Fochi (2015), Maria Carmen Silveira Barbosa (2009) e Luciana Ostetto (2009), destacando-se a compreensão dos bebês enquanto sujeitos sociais protagonistas e produtores de culturas. Além disso, reflete-se sobre a relevância da UEIIA como espaço de referência no âmbito da Educação Infantil, voltada à valorização da autonomia e potência das crianças e de suas infâncias. A Unidade está vinculada à UFSM desde sua criação, destacando-se pelos aspectos da pesquisa, da prática pedagógica e da formação inicial e continuada de profissionais da Educação. Neste sentido, entende-se que a construção da docência é um processo compartilhado, percorrido em conjunto, contando com o suporte da orientadora de estágio, mas também com o apoio constante da professora regente da turma. Durante a escrita, almeja-se destacar alguns dos pontos mais relevantes das experiências na escola, visando a ampliação do debate sobre a especificidade do trabalho com a etapa creche, envolvendo um olhar sensível, atento, reflexivo e acolhedor que projeta e registra a ação pedagógica, bem como, a importância dos espaços formativos de qualidade abertos aos(as) acadêmicos(as) da área da educação. A inserção na escola como estagiárias oportunizou a construção de conhecimentos mais aprofundados sobre a docência na Educação Infantil, através também dos vínculos estabelecidos com a equipe multiprofissional e os bebês da turma de Berçário I.

**Palavras-chave:** Educação Infantil, Estágio Supervisionado, Berçário.

### INTRODUÇÃO

<sup>1</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia Diurno e Graduanda do Curso de Educação Especial Noturno da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, [manuelaandrade624@gmail.com](mailto:manuelaandrade624@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduada pelo Curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria- UFSM, [vogel.fernanda@acad.ufsm.br](mailto:vogel.fernanda@acad.ufsm.br);

<sup>3</sup> Docente do Curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, [kelly.werle@ufsm.br](mailto:kelly.werle@ufsm.br);





Este relato de experiência busca compartilhar as vivências, saberes e práticas desenvolvidas por duas acadêmicas em suas últimas experiências formativas no curso de Pedagogia Diurno da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), na condição de estagiárias. O Estágio Supervisionado III - Educação Infantil foi realizado por ambas na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo (UEIIA), a Escola de Aplicação da UFSM e em uma turma de berçário.

A turma na qual realizamos o estágio era denominada Turma Azul, composta por quatro bebês que vão para a escola no período da manhã, dois bebês que ficam integralmente na escola e quatro bebês que ficam no período da tarde. A equipe da turma é distribuída em duas professoras referência - que são responsáveis por um dos turnos de funcionamento - assim como as bolsistas de cada turno, que fazem o papel de auxiliar nas tarefas da rotina e nas atividades do dia, através de um trabalho colaborativo, no qual realizam semanalmente a organização da sala referência e compartilham os pequenos (grandes) passos de cada bebê. Esse trabalho colaborativo foi um dos diferenciais que observamos na prática pedagógica no berçário.

A partir das vivências decorrentes do estágio, observamos a presença de reflexões fundamentais ao se pensar o trabalho em turmas de crianças bem pequenas, sendo elas a rotina e o planejamento, a organização dos espaços e os materiais não estruturados, a indissociabilidade do educar e do cuidar, a importância dos registros e o trabalho colaborativo entre as professoras. Estas reflexões foram essenciais para a compreensão da docência na educação infantil e na construção da identidade docente das acadêmicas.

Assim, tendo em vista os saberes construídos ao longo do estágio e do período de regência, bem como os registros diários e as discussões realizadas pelas estagiárias, emerge a necessidade de compartilhar a experiência do estágio com bebês e as diversas possibilidades de práticas/propostas para se realizar com uma turma de berçário. A partir das inúmeras oportunidades de práticas e vivências com os bebês, a consolidação de um espaço lúdico, confortável e atrativo começa a ocorrer de forma espontânea e contínua no cotidiano da escola, oferecendo à todos os envolvidos um ambiente seguro, agradável e potente.

## **METODOLOGIA**

Considerando que este artigo emerge a partir de um relato de experiência, os caminhos metodológicos iniciaram nas semanas de observações, que antecederam o período de regência





das acadêmicas. Durante as orientações, que ocorreram anteriormente à inserção na escola, as acadêmicas foram provocadas a pensar acerca de aspectos importantes no processo de observação, sendo algumas questões: Como é a relação das famílias com a escola? Como ocorre a comunicação das famílias com as professoras? Como os bebês interagem com os pares e com os adultos? De que forma acontece as atividades de cuidado? Entre outros questionamentos que deveriam guiar o nosso olhar no período de inserção e observação da turma. Essas questões contribuíram para que pudéssemos separar um momento para notar as interações nesses instantes, como também para conhecer a rotina da turma.

Vale ressaltar que, considerando a especificidade do trabalho com bebês, a observação não aconteceu de maneira distante, mas sim de modo participativo, respeitando o espaço/tempo dos pequenos e da professora referência, sem interferir diretamente nos primeiros momentos de interação da turma como um todo, para que assim, aos poucos, as estagiárias pudessem se inserir na turma, conhecer cada bebê, suas rotinas e suas especificidades. Outro ponto importante do período de observação foi possibilitar que houvesse um respeito para com as crianças e suas interações, de modo a tentar enxergar o mundo a partir dos olhos delas e não com uma perspectiva adultocêntrica. Assim, a observação se tornou um momento de aperfeiçoamento do nosso olhar como professoras e possibilitou um trabalho que fosse ao encontro da autonomia e do desenvolvimento dos bebês. Segundo Manfré e Ariosi (2019, p. 157) “a observação é uma importante forma de percepção sistemática da criança que possibilita ao educador ter o conhecimento de seu agrupamento, podendo, assim, oportunizar as melhores experiências educativas e desenvolvimentais [...]”.

Além disso, por meio das observações, foram elaborados registros diários, nos quais as estudantes puderam anotar, sistematizar e organizar informações importantes sobre a turma e principalmente sobre os bebês, bem como, foram tensionadas a refletirem ao final de cada registro. Assim, ao encerrar o dia de regência, era realizada uma reflexão acerca dos encontros e vivências com os bebês, com as demais professoras e profissionais da escola.

Cabe dizer que, a partir dos registros diários, as acadêmicas elaboraram suas primeiras semanas de regência e as reflexões que seriam documentadas posteriormente no relatório de estágio. O hábito de registrar os acontecimentos do dia, seja em forma de escrita, fotografia ou registro audiovisual, foi imprescindível para que o entendimento à respeito da dinâmica observada na turma fosse construído dia após dia pelas estagiárias. De acordo com Ostetto (2008, p. 15 - 16) o registro é uma das maneiras de qualificar o nosso trabalho, bem como de construir a identidade docente, pois, segundo a autora, o processo de registrar os acontecimentos vividos, é único de cada sujeito, que as professoras podem refletir sobre suas





ações a partir de perspectivas diferentes, buscando compreender e encontrar aspectos positivos e aqueles que poderiam ser melhorados, proporcionando assim, um momento fundamental para a formação docente e sua identidade profissional.

Desta forma, a partir das semanas de observação da Turma Azul, que se constituiu a partir de um deslocamento de si para chegar no desconhecido do lado observado (Galhós, 2009 *apud* Hoyuelos, 2015), refletimos sobre quais práticas e propostas pedagógicas levaríamos para as semanas de regência e em como iríamos proporcionar uma Educação Infantil que respeitasse as diferentes formas de expressão dos bebês. Assim, buscamos proporcionar momentos que contribuíssem para o desenvolvimento dos bebês, bem como para a interação entre eles e os adultos que estavam presentes no cotidiano da escola, além de explorar por meio da Cesta dos Tesouros - apresentado por Focchi (2018) em seu livro “*O brincar heurístico na creche*” -, os sentidos (tato, olfato, visão e paladar). Tendo em vista que os bebês, inicialmente, descobrem os objetos, brinquedos e o mundo através dos seus sentidos, seja tocando, apertando, olhando, batendo, fazendo sons, levando à boca para morder, sugar e ao nariz para cheirar.

A organização do espaço físico da sala referência e dos demais espaços da escola foi desde o início um elemento fundamental para o planejamento das estagiárias, o que favoreceu em muitos aspectos o desenvolvimento dos bebês, a interação com as propostas, com os seus pares e com os adultos presentes.

A articulação entre a observação, o registro e o planejamento foram pontos importantes para o desenvolvimento do trabalho com a turma e principalmente para a formação das estagiárias, pois, ao perceber a relação entre os três aspectos citados anteriormente, foi possível pensar nas práticas realizadas com e para os bebês.

## REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico foi construído a partir das leituras realizadas ao longo do Estágio Supervisionado III, em que as estagiárias buscaram recorrer aos estudos sobre as Infâncias, a Educação Infantil, o Estágio como experiência formativa e o trabalho com os bebês. Este movimento de articulação entre teoria e prática durante o estágio foi essencial para refletirmos acerca das práticas realizadas com os bebês, além da nossa identidade de professoras da educação infantil, assim, colaborando para a construção da nossa práxis pedagógica, que segundo Freire (2021, p. 107) é a ação e reflexão.





Além disso, para esta articulação do trabalho teórico e prático, foram utilizados como aporte teórico os estudos de Fochi (2018, p. 60) acerca do Brincar Heurístico e do Cesto dos Tesouros, que contribuíram grandemente no planejamento e organização das práticas pedagógicas *para* e *com* os bebês. Ao ler sobre o Cesto dos Tesouros, compreendemos que uma de suas principais finalidades é oportunizar aos bebês experiências inovadoras com diferentes objetos estruturados e - principalmente - não estruturados, provocando e instigando sua relação com o mundo de maneira intencional. O autor também apresenta em sua escrita constatações essenciais sobre o que é a escola em sua concepção:

[...] a escola, enquanto um conjunto de contextos de vida coletiva, é compreendida aqui como um lugar da vida, tecido por vários fios juntos e em conjunto, tramados e constituídos pela ação do eu com o outro e do outro, que supõe estar em contínuo exercício de construção. Enquanto, nesse contínuo, juntos colhem e acolhem aprendizagens e descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo. (FOCHI, 2015, p. 35)

Adotar uma visão semelhante à exposta anteriormente pode impactar positivamente na prática pedagógica do cotidiano escolar, e isso pode ser assegurado com convicção, tendo em vista as abordagens utilizadas na inserção, observação e regência das estagiárias da turma Azul.

Além disso, recorreremos aos estudos de Souza e Weiss (2017) e Oliveira - Formosinho (2017) e Tristão (2015) sobre a especificidade do trabalho com os bebês e da identidade docente das(os) professoras(es) de crianças bem pequenas, como a indissociabilidade do cuidar e educar, o olhar e a escuta sensível, o respeito pelo corpo dos bebês, bem como suas vontades e contestações. Um dos desafios encontrados nesta trajetória com o berçário certamente foi a incerteza inicial de como trabalhar com bebês, de planejar espaços e propostas adequados à sua faixa etária e suas particularidades. Essa situação também foi relatada por Souza e Weiss no trecho a seguir:

Assumir o estágio com uma turma de crianças tão pequenas foi muito mais do que nos aventurarmos rumo ao desconhecido, atrás de novos horizontes. Tratou-se de uma experiência na qual pudemos refletir sobre algo que conhecíamos apenas teoricamente, possuindo pouca ou nenhuma experiência prática a respeito. (SOUZA; WEISS, 2017, p. 35)

Neste ponto da escrita, também pensamos ser importante destacar a importância da estudiosa Fernanda Tristão (2005), que também se tornou uma das vozes guias em nossa regência no berçário, fazendo menção ao esforço necessário que professoras de bebês devem fazer no cotidiano: aprender a falar com os bebês sem nem mesmo utilizar a linguagem tradicional, mas compreendê-los através de suas variadas maneiras de comunicação, como o







balbucio, o olhar, a risada, o choro, o gesto. E esses são apenas alguns dos elementos utilizados pelos bebês para comunicarem-se com o mundo.

Diferente do que muito já se pensou sobre o bebê e suas fragilidades, atualmente a potência e o desenvolvimento integral do bebê são comentados e incentivados dentro da esfera educacional. E junto a essa mudança, o estudo e a prática pedagógica das professoras de berçário também se modificaram, auxiliando na formação de profissionais mais preparados para o trabalho com bebês.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das reflexões e das vivências advindas do Estágio Supervisionado III - Educação Infantil, constatamos que o trabalho *para* e *com* os bebês, em turma de berçário, é possível e existem muitas oportunidades, como por exemplo a proposta potente dos Cesto dos Tesouros e os materiais não estruturados, que foram diariamente explorados durante as propostas realizadas com os bebês. Percebemos que oferecer materiais para além dos estruturados, como por exemplo os brinquedos prontos, possibilitam um maior envolvimento e curiosidade das crianças bem pequenas, proporcionando com que as crianças explorassem livremente e descobrissem o mundo a partir desta exploração, haja visto que, ao observamos o brincar com os brinquedos prontos os bebês rapidamente se cansavam e buscavam um novo objeto de interesse.

Junto dos materiais não estruturados surge o Cesto dos Tesouros, pensando em uma proposta mais voltada para o trabalho com crianças bem pequenas, pois o cesto possibilita um contato mais próximo, em que os bebês que já sentam possam testar os tesouros que estão no cesto. De acordo com Focchi (2018, p. 64), a organização do cesto demanda criteriosidade, para realizar a seleção das materialidades que serão dispostas nele, exige também observar como os bebês irão interagir com os objetos dispostos no cesto, quais grupos proporcionam maior curiosidade dos bebês, como eles manuseiam e criam significados com aqueles materiais. Foi a partir das propostas com esse recurso que percebemos o interesse e esforço dos bebês em chegarem até um determinado objeto, o que demandava um movimento, seja ao engatinhar até o cesto ou ao puxá-lo. Assim, o cesto também contribuiu para o desenvolvimento motor dos bebês.

Contudo, pensar nessas materialidades e espaços, demandou um olhar atento, aberto e reflexivo, para conseguir compreender as diferentes formas de expressão dos bebês, o que eles gostam, o que gerava mais interesse e envolvimento, bem como de quais formas poderiam ser





ofertados esses materiais. Haja visto que durante o estágio observamos que as linguagens que os bebês utilizam para comunicar-se podem ser muito sutis, muitas vezes são quase imperceptíveis, mas também possui linguagens mais compreensíveis para o adulto, como um apego rotineiro para com um determinado objeto ou um sorriso ao brincar e explorar as bacias de alumínio, como era o caso de um dos bebês da turma, experimentando primeiro por meio do som, batendo, arrastando o objeto e depois como um acessório ao usar de chapéu.

Após viver e refletir sobre o período em que estávamos como professoras da Turma Azul e parte (mesmo que provisoriamente) de uma instituição que preza por uma educação infantil de qualidade, foi possível nos visualizarmos como professoras das infâncias, aquelas que lutam e buscam garantir os direitos das crianças, das grandes e das bem pequenas, como os bebês. O que só foi possível porque entendemos que “[...] a concepção de infância e de criança que as professoras constroem determina suas práticas.” (TRISTÃO, 2015, p.116).

Acompanhar e trabalhar *para e com* os bebês foi uma experiência única, rica e que reafirmou concepções que já vínhamos construindo ao longo da graduação, como a compreensão da especificidade da educação infantil, mas principalmente em relação ao trabalho com uma turma de berçário. E contrariando algumas opiniões, há muitas possibilidades de trabalho com os bebês!

Além disso, constatamos que o período do estágio foi mais leve por termos realizado de maneira colaborativa, compartilhando as nossas experiências e vivências com os bebês, bem como a mesma sala referência. Foi em decorrência de habitar o mesmo espaço, que conseguimos planejar e dar continuidade nas propostas realizadas com a turma. Ademais, foi muito importante ter com quem contar para pensar em novas ideias, perspectivas e soluções para alguns desafios, e percebemos que esta parceria contribuiu para um trabalho minucioso e sensível.

Assim, ao longo do período como professoras dos bebês aprendemos que não podemos enxergá-los como sujeitos a *virem ser*, mas que são. São curiosos, atentos e ativos e que se faz necessário proporcionar espaços e momentos de autonomia, identificação, exploração e socialização, pois são essenciais para seus desenvolvimentos e constituição como parte de uma comunidade e como indivíduos. Dessa forma, ser professora dos bebês reafirmou que também há muito estudo para realizar as atividades de cuidado individual, que a troca da fralda, por exemplo, é um momento de aprendizado e de escuta, para além do ato de cuidar. Além de afirmar que o cuidar não está (ou não deveria estar) presente apenas na educação infantil!





Para trabalhar com os bebês, é essencial ter claro: tudo é atividade, pois todas as ações e proposições educam – trocar-lhes as fraldas, oferecer-lhes água ou um brinquedo, conduzi-los ao parque ou deixá-los em sala, permitir-lhes experiências de manuseio de diferentes materiais ou controlar a exploração. (Souza; Weiss, 2017, p. 42)

Ademais, em concordância com Souza e Weiss (2017), Gonzalez - Mena; Widmeyer - Eyer (2014, p. 25) na obra “*O cuidado com os bebês e crianças pequenas na creche*” fundamenta as atividades de cuidado individual como momentos de experiências vitais ao aprendizado, ao afirmar que “educar crianças é mais do que apenas tomar conta delas”, assim, à necessidade de enxergar essas atividades como educativas e parte do processo de desenvolvimento dos bebês, bem como de quais maneiras elas serão realizadas.

Logo, o cuidar e o educar estarão presentes nas práticas educativas, de modo indissociável, entrelaçado e com muito estudo imbricado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio com os bebês e sobretudo a experiência na Ipê Amarelo, contribuíram para muitos aprendizados, que com certeza levaremos para as nossas futuras experiências como docentes, principalmente como professoras de crianças bem pequenas. Foi por meio da experiência na instituição e com uma turma de berçário que compreendemos que é possível realizar um trabalho para além do assistencialismo, que o trabalho com bebês não é só cuidar, mas que o *educar e cuidar* estarão entrelaçados e que esse cuidar educa e demanda estudo, pesquisa e diálogo.

A partir do estágio com uma turma de bebês tivemos a oportunidade de conhecer autores importantes, com escritas que encantam e fazem com que o pensar e organizar este fazer pedagógico seja mais tranquilo. Logo, o trabalho com bebês também precisa/depende de muito estudo, um dos fatores que poucas pessoas sabem e que por vezes desvalorizam o que é desenvolvido com eles. É por esta razão e por auxiliar o trabalho dos docentes, que reiteramos a importância da documentação pedagógica que foi bastante afirmada durante o estágio, pois, sem ela não conseguiríamos qualificar e compartilhar as propostas que foram realizadas com a turma.

Reiteramos também que o trabalho com os bebês requer esse olhar sensível, minucioso e atento, bem como o cuidado e a curadoria dos materiais ofertados. Sendo assim, concordamos com Focchi (2018, p. 78) ao dizer que “o adulto deve ter este olhar ‘apurado’, sensível e reflexivo, observando o choro, os balbucios, as mãos nos olhos, o coçar







a cabeça, características diferenciadas de cada bebê”, pois os bebês estão em constante descoberta e desenvolvimento, ~~que podem passar por olhares despercebidos, mas que~~ precisam ser observados, registrados e levados para nossas ações e planejamentos.

Desta forma, gostaríamos de finalizar este relato de experiência com a confiança de que há um universo de possibilidades na educação infantil, especialmente em turmas de berçário! Mas também gostaríamos de demarcar a necessidade de se repensar a quantidade de crianças por turma, pois, nosso trabalho *para e com* os bebês da Turma Azul só foi possível por conta do respeito e compreensão de que uma turma numerosa não possibilita aos docentes um trabalho de qualidade, bem como o diferencial de um trabalho colaborativo entre as professoras, sendo realizado entre as professoras referência e as estagiárias.

Assim, encerramos esta escrita com a esperança e a convicção de que proteger as infâncias, essencialmente a primeira infância, é um dos deveres da(o) pedagoga(o), mas acima de tudo, do ser humano. E que as vivências advindas dos estágios de regência contribuem para a constituição da identidade docente das(os) acadêmicas(os) em formação e para a construção de práticas pedagógicas *para e com* bebês.

## AGRADECIMENTOS

Iniciamos estes agradecimentos, em especial, às professoras e à todos os profissionais que nos acolheram na Unidade de Educação Infantil Ipê Amarelo da UFSM. Durante o estágio de regência, este apoio e acolhimento foram essenciais para a nossa formação como docentes, a equipe nos mostrou que é possível construir uma educação infantil de qualidade e que respeita as infâncias, bem como, um ambiente de trabalho regado por parceria e comprometimento.

Também gostaríamos de agradecer à professora Kelly Werle, por ter nos abrilhantado com o seu cuidado, escuta, sensibilidade e conhecimento durante o estágio, sendo nossa orientadora e também na elaboração deste artigo. Agradecemos pela disponibilidade e por nos despertar o interesse em compartilhar nossas vivências com os bebês com outras(os) professoras(es) em formação.

E por fim, agradecemos as famílias e os bebês que nos acompanharam durante esta etapa fundamental em nossa trajetória formativa. Aprendemos muito com cada bebê e suas singularidades e agradecemos as famílias por confiarem em nosso trabalho *para e com* seus filhos e filhas.

## REFERÊNCIAS





FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Porto Alegre: Penso, 2015.

IX Seminário Nacional do PIBID

FOCHI, Paulo (org.) **O brincar heurístico na creche:** percursos pedagógicos no Observatório da Cultura Infantil – OBECI. Porto Alegre: Paulo Fochi Estudos Pedagógicos, 2018. GARDNER, Howard.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** - 79. ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

GONZALEZ-MENA, Janet. **O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche:** um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas / Janet Gonzalez-Mena, Dianne Widmeyer Eyer ; tradução: Gabriela Wondracek Link; revisão técnica: Tânia Ramos Fortuna. - 9. ed. - Porto Alegre: AMGH, 2014.

HORN, Maria da Graça Souza. **Sabores, cores, sons, aromas:** a organização dos espaços na educação infantil. - Porto Alegre: Artmed, 2004.

MANFRÉ, Viviane Barrozo; ARIOSI, Cinthia Magda Fernandes. **A observação na educação infantil como forma de respeito às crianças.** Colloquium Humanarum, Presidente Prudente, v. 16, n. 3, p.156-161 jul/set 2019. DOI: 10.5747/ch.2019.v16.n3.h440.

OLIVEIRA - FORMOSINHO, Júlia; FORMOSINHO, João. **Pedagogia - em - participação:** a documentação pedagógica no âmago da instituição dos direitos da criança no cotidiano. Em aberto, Brasília, v. 30, n. 100, p. 115 - 130, set/dez. 2017.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. (Org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus. 2008.

SOUZA, A. C.; WEISS, V. Aprendendo a ser professora de bebês: experiência de estágio com crianças de dois meses a dois anos. In: OSTETTO, L. E. (org.). **Educação infantil:** saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papirus, 2017.

TRISTÃO, Fernanda C.. A sutil complexidade das práticas com os bebês. In: MARTINS FILHO, Altino José (Org.). **Criança pede respeito:** Ação educativa na creche e pré- escola. Porto Alegre: Editora Mediação, 2ª ed. 2015, p.145-172.

